

Popular nas redes

# Uso recreativo de tadalafila pode ser bastante perigoso

A tadalafila, medicamento recomendado para tratar disfunção erétil em homens a partir dos 40 anos, tem sido usada de modo recreativo por jovens brasileiros. Nas redes sociais, o fármaco ganhou o apelido de “tadala” e aparece em vídeos que o apresentam como uma espécie de solução milagrosa, capaz de garantir bom desempenho sexual e até atuar como pré-treino para potencializar ganhos musculares. O problema é que esses supostos benefícios não são amparados por evidências científicas. Na verdade, a prática pode ser muito perigosa para quem não tem indicação clínica.

Contudo, é justamente quem não tem qualquer diagnóstico que mais utiliza esse remédio. Uma revisão

publicada em 2024 no *Diversitas Journal* analisou mais de 20 estudos brasileiros e estrangeiros das últimas duas décadas e revelou que, apesar de o perfil dos usuários da tadalafila e similares ser heterogêneo, há um traço recorrente: a aquisição da medicação sem prescrição médica.

As motivações são relacionadas a fatores comportamentais e psicossociais, como a curiosidade pelos seus efeitos, o desejo de maior autoconfiança, a pressão de realizar bem e a tentativa de reduzir a ansiedade ou o estresse antes do sexo. “Nada disso, porém, pode ser resolvido apenas com a medicação”, afirma o farmacêutico-bioquímico Gustavo Alves Andrade dos Santos, pesquisador da Universidade de São Paulo em



FREEPIK

Ribeirão Preto (USP-RP) e coautor da publicação.

Tadalafila, vardenafila e sildenafil (este último, mais conhecido como Viagra) são inibidores da fosfodiesterase tipo 5 (iF5) e são indicados para combater a disfunção erétil orgânica. Eles agem relaxando os tecidos penianos e aumentando o fluxo arterial nos corpos cavernosos do órgão, gerando ereções mais rígidas.

Isso significa que, em ho-

mens sem problema fisiológico, não há ganho real. Esses remédios não são capazes de manter a ereção por um período maior, nem ampliar o tempo de coito ou tornar o pênis maior e mais grosso. “A sensação de pump (inchaço momentâneo) se deve à vasodilatação periférica transitória e representa um efeito placebo”, alerta a Sociedade Brasileira de Urologia (SBU). (Agência Einstein)

## + Prática pode causar riscos à saúde física e mental

Os principais efeitos colaterais dos inibidores da iF5 decorrem do próprio mecanismo de ação: a vasodilatação sistêmica, que leva ao rubor facial e à congestão nasal. No entanto, o uso abusivo pode causar taquicardia, alteração da pressão arterial, desmaio, perda temporária de visão ou audição e, em casos mais

graves, infarto, acidente vascular cerebral (AVC) e morte súbita.

Outra consequência possível é o priapismo, uma ereção anormal, persistente e, muitas vezes, dolorosa. A condição atinge, pacientes com comprometimento hepático, que têm dificuldade para metabolizar o fármaco.

No uso recreativo, o consumo desses remédios junto a bebidas alcoólicas pode levar a um efeito paradoxal: embora o álcool também cause uma ação vasodilatadora no corpo, ele é depressor do sistema nervoso central, comprometendo a ereção.

O uso recreativo dos fármacos contra a disfunção erétil surge

como um artifício para tentar lidar com essas inseguranças. “A pessoa passa a acreditar que os comprimidos vão solucionar sua ansiedade, seus distúrbios de autoimagem e até questões relacionadas à capacidade de satisfazer sua parceira”, avalia o urologista Daniel Suslik Zylbersztejn, do Einstein Hospital Israelita.

## Brasil chega a 140 casos confirmados de mpox em 2026

O Brasil chegou a 140 casos confirmados de mpox em 2026, segundo dados do painel epidemiológico do Ministério da Saúde atualizados na segunda-feira (9). Outros 539 casos são classificados como suspeitos e nove constam como prováveis. Nenhum óbito foi registrado até o fechamento desta edição.

A maior concentração de casos constatados está no Estado de São Paulo, com 93 registros. Na sequência vem o Rio de Janeiro, com 18. Também há registros da doença em Minas Gerais (11), Roraima (11), Rio Grande do Norte (3), Rio Grande do Sul (3), Santa Catarina (3), Paraná (2), Pará (1), Amapá (1), Ceará (1), Distrito Federal (1) e Sergipe (1).

No fim de fevereiro, o

País contabilizava 88 casos confirmados. O aumento representa um salto de 59%. Para efeito de comparação, em todo o ano de 2025, foram contabilizados 1.059 casos confirmados e três óbitos.

Para o infectologista Álvaro Costa, membro do comitê de infecções sexualmente transmissíveis da Sociedade Brasileira de Infectologia (SBI) e consultor técnico do Ministério da Saúde para infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), a alta nas últimas semanas pode estar relacionada ao período do carnaval.

Ele avalia que a situação não chega a ser considerada perigosa, mas acende um alerta quanto à necessidade de vacinação contra a doença. (AE)

## + O que é a mpox?

A mpox é uma doença causada pelo vírus MPXV. A transmissão ocorre por contato com pessoas infectadas (por meio de abraços, beijos, relações sexuais ou lesões cutâneas) ou materiais contaminados, como roupas e talheres.

“O mpox tem grande transmissão durante atividades sexuais, já que nesses momentos ocorrem contatos pele a pele mais intensos”, destaca Costa.

O período de incubação do vírus costuma variar de 3 a 16 dias, mas pode chegar

a 21 dias, segundo o ministério.

Os principais sinais e sintomas da infecção são erupções cutâneas ou lesões de pele, linfonodos inchados, febre, dor no corpo, dor de cabeça, calafrios e fraqueza. Eles geralmente duram de duas a quatro semanas, e podem ser mais intensos em pessoas imunossuprimidas.

“Na maioria das vezes, as lesões cicatrizam e não evoluem para complicações”, cita o infectologista. Ainda assim, o recomendado é buscar ajuda médica.

Dr. Fernando Issa  
Diretor Técnico  
CRM 27374/RS

# Centro de Especialidades



Atendimento com hora marcada para o tratamento e acompanhamento do paciente



Centro de saúde acolhedor e de fácil acesso para as consultas agendadas.



Estrutura completa de cuidado que integra exames e procedimentos.



Ambulatório de Traumatologia com profissionais de diversas subespecialidades.

